

LUDMILA LEMOS M. CAVALCANTE

Composições Urbanas

**Brasília
2011**

Ludmila Lemos Mendanha Cavalcante

Composições Urbanas

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Ms. Angela Prada de Almeida

**Brasília
2011**

*Aos meus pais e às minhas irmãs;
À minha avó Maria Neli, minha tia Maristela e ao meu tio Maximiliano, onde quer que
eles estejam.*

Agradecimentos

À minha família, a melhor definição de amor que alguém pode ter;

Aos meus pais, por terem me passado os mais belos valores e virtudes e pela compreensão;

Às minhas irmãs Larissa e Leilane, pela cumplicidade e amor incondicionais;

Aos amigos antigos, por me influenciarem da melhor forma;

Às freqüentes novas amizades, pelo apoio e carinho;

À Universidade de Brasília, pela oportunidade de viver e pensar o meio acadêmico;

À Prof.^a Ms. Angela Prada de Almeida, por ter sido tão importante, por acreditar, ajudar, ouvir e rir. Por seu empenho, incentivo e sua paciência;

Ao Prof. Marcelo Brito, pelas profundas reflexões sobre o Ser e pela atenção em ouvir;

Aos funcionários da secretaria de graduação, em especial o Maurílio pela orientação nos assuntos administrativos e pessoais, e pela admirável disposição e bom-humor;

Às pessoas, porque sem elas não haveria cidade, e conseqüentemente, meu trabalho não existiria dessa forma.

A todos que acreditaram e acreditam, pela paciência e pelo apoio;

À minha fé.

Minha admiração, meu carinho e meus sinceros agradecimentos.

Sumário

INTRODUÇÃO

1. ESPAÇO	09
1.1. O Espaço público	09
2. PAISAGEM URBANA	12
2.1. Os Elementos visuais	12
3. O OLHAR FOTOGRÁFICO	18
3.1. O Recorte do olhar;	18
3.2. O <i>Punctum</i> de Barthes	19
4. REFERENCIAIS ICONOGRÁFICOS	22
4.1. Alexandre Órion;	22
4.2. Silvio Zamboni	25
5. METODOLOGIA	29
5.1. Análise das minhas fotografias	31

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Lista de Imagens e Figuras

Imagem 01 – METABIÓTICA 10. Alexandre Órion, 2003	23
Imagem 02 – METABIÓTICA 16. Alexandre Órion, 2004	23
Imagem 03 – METABIÓTICA 14. Alexandre Órion, 2004	24
Imagem 04 – DA SÉRIE “AVEIRO, A VENEZA PORTUGUESA”. Silvio Zamboni, sem data.	26
Imagem 05 – VAGLI SOTTO, DA SÉRIE “TOSCANA”. Silvio Zamboni, 2008	26
Imagem 06 – PATUÁ/Foto da autora, 2009	31
Imagem 07 – AMARELO, AZUL E PRETO/Foto da autora, 2009	32
Imagem 08 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2010	33
Imagem 09 – PROIBIDO JOGAR LIXO OU ENTULHO/Foto da autora, 2009	34
Imagem 10 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2009	35
Imagem 11 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2011	36
Imagem 12 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2011	37
Imagem 13 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2010	38
Imagem 14 – PÉ NO CHÃO/Foto da autora, 2010	39
Imagem 15 – COM AMOR/Foto da autora, 2010	40
Imagem 16 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2011	41
Imagem 17 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2011	42
Imagem 18 – SEM TÍTULO/Foto da autora, 2010/2011	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da minha paixão pela fotografia, aliada aos questionamentos psico-sociais acerca do mundo em que vivemos, e de um sentimento de inquietação e curiosidade sobre a cidade, sobre a paisagem urbana.

Como quase toda paixão, surgiu de uma vontade de registrar todos os momentos, de um sentimento, sendo assim difícil a tarefa de racionalizá-la, de explicá-la. Esquecer o mundo real e me inserir no universo das ideias, dos sentimentos mais profundos, buscando explicações embasadas para as sensações mais inerentes de uma artista.

Um trabalho que se iniciou com a prática, desde sempre fotográfica e, posteriormente com a análise das imagens produzidas, das sensações e da temática abordada. Juntamente com a pesquisa, há uma produção fotográfica freqüente, diária. Sobre essa relação entre a fotografia e cotidiano e como percebemos imagetivamente o nosso meio Dondis escreveu:

“O que pensamos, sentimos, nossas impressões dos acontecimentos e da história recente, nossas concepções do homem e do cosmo,..., o padrão de nossas percepções visuais, tudo isso é modelado, em certa medida e o mais das vezes decisivamente, pela fotografia.” (DONDIS, 1997: 213-214)

Sempre houve uma vontade de produzir imagens agradáveis ao olhar, imagens capazes de emocionar, de fazer pensar. Imagens que causam sensações gostosas; é importante sentir-se bem, provocar, incitar, pungir, pensar sobre o que se sente e sobre o meio onde se sente. Talvez seja esse o objetivo quase consciente de se produzir fotograficamente imagens que pareçam harmoniosas ao olhar, ao pensamento, ao coração.

O interesse pela *urbe* foi despertado ao realizar um trabalho na disciplina de Oficina de Fotografia nos primeiros semestres de faculdade, onde o objetivo era produzir uma série com dez cartões postais cujo tema era a nossa cidade, Brasília. Escolhi fotografar grafites, e foi a partir de um olhar atento a essas pinturas tão coloridas nos muros e no espaço público que a minha percepção sobre a cidade foi-se expandindo. Passei a observar vários outros elementos visuais e comportamentais e percebi que eles influem direta e indiretamente na cidade.

A pesquisa foi, então, organizada em capítulos que visam desenvolver as principais questões deste trabalho, organizadas em torno das seguintes palavras-chave: espaço, paisagem urbana e olhar fotográfico. O primeiro capítulo fala sobre o espaço, o espaço público, buscando explicar um pouco do meu amplo objeto de estudo e exercício visual e a minha relação com este.

No segundo capítulo o tema é a paisagem urbana, como ela é percebida, o que nela me instiga, contemplando a variedade de elementos intrínsecos a esse espaço.

As questões do olhar fotográfico e do recorte do olhar são desenvolvidas no terceiro capítulo, que traz também a maior referência teórica deste trabalho: Roland Barthes e seu conceito de *punctum*, do livro “A Câmara Clara”.

No quarto capítulo, as inspirações iconográficas: o artista plástico Alexandre Órion e o fotógrafo e pesquisador Silvio Zamboni. De como eles influenciam o meu trabalho e sobre a obra de cada um deles.

O último capítulo é um espaço mais subjetivo e de certa forma mais livre. Um capítulo para falar sobre o processo criativo e reflexivo, além de análises de algumas fotografias minhas.

Nas considerações finais apresento as conclusões do processo e do trabalho finalizado, algumas reflexões e tudo o que foi envolvido durante a produção deste trabalho de final de curso.

Difícil organizar pensamentos e sentimentos em uma estrutura de início, meio e fim. Por isso peço ao leitor que considere o ritmo deste trabalho aliado ao ritmo da vida, do caos da cidade, do pensamento que mistura realidade e sonho, razão e sentimento; pois tudo aqui se encontra conectado. Arte é vivência, e viver a Arte para mim é, muito, fotografar a vida, como ela acontece.

“Cidade é a expressão palpável da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca, - numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico.”

Lúcio Costa

1. ESPAÇO

Neste capítulo será desenvolvido o conceito de espaço público inserido no contexto das minhas fotografias. Uma análise do espaço vivido, observado e fotografado, o espaço urbano, a cidade.

Dentre uma série de conceitos, espaço é:

espaço. [Do lat. *Spatiu.*] 1. Lugar mais ou menos bem delimitado, cuja área pode conter alguma coisa; lugar. 2. Extensão indefinida. 3. Vagar, demora, delonga. 4. *Fig.* Meio, âmbito que lembra o espaço material: *espaço cultural, espaço psicológico*. **Espaço arquitetônico.** *Arquit.* Aquele que é gerado e limitado pelos elementos arquitetônicos, e no qual se manifestam, para quem nele demora, as diferentes dimensões da forma arquitetônica (visual, tátil, auditiva, odorífica). **A espaços.** De tempos em tempos; de espaço a espaço. **De espaço.** Sem pressa; devagar; lentamente, pausadamente: *Conversemos de espaço: é tão mais agradável!* (FERREIRA, 1999: 809)

Assim, conceitualmente o espaço já é um lugar de múltiplas possibilidades, que permite uma infinidade de vivências e experiências. Vai além do físico, afetando a todos psicologicamente, envolvendo-nos inevitavelmente e à nossa sensorialidade.

Esse espaço não-delimitado, de uma forma indefinido e de outra repleto de definições; esse é o espaço onde meu trabalho fotográfico se configura e se concretiza.

1.1. O Espaço público

O espaço interessante aqui, como matéria-prima do olhar, é tudo aquilo que me rodeia, qualquer lugar por onde passo, a *urbe*; o mundo é meu espaço de exercício do olhar e do pensamento. Mas essencialmente a cidade, o espaço urbano, público, onde vivo o cotidiano, circulo com freqüência: e por isso impossível não o perceber e refletir sobre sua infinidade de questões. Ainda que o percurso seja o mesmo todos os dias, a cada novo dia há novos elementos, novos acontecimentos que transformam por completo a situação e a estética do que se percebe.

Sobre a poética do espaço, Bachelard faz uma citação do poeta francês Jules Supervielle dizendo que “O excesso de espaço sufoca-nos muito mais do que a sua

falta” (SUPERVIELLE *apud* BACHELARD: 223). O sufocamento que causa inquietação, que provoca análise, que faz o olhar trabalhar em tempo integral. Tudo é imagem, o espaço é também um espaço de reflexão, onde nos é permitido e pedido um olhar atento, cuidadoso e, por vezes, seletivo.

Trata-se de um espaço comum, de todos e de ninguém. Onde as coisas acontecem, se desenvolvem, onde tudo é possível, tudo está exposto mas nem tudo é percebido: um constante exercício de reflexão e de edição do olhar. A intimidade proporcionada também nos espaços comuns, como no trecho de Bachelard: “O exterior e o interior são ambos *íntimos*; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade.” (BACHELARD, 1993: 221)

“As coisas visuais não são simplesmente algo que está ali por acaso. São acontecimentos visuais, ocorrências totais, ações que incorporam a reação ao todo.”

Donis A. Dondis

2. PAISAGEM URBANA

A diversidade de elementos visuais encontrados, largados, perdidos, abandonados na cidade configuram, em minha percepção, uma estética atraente dentro da paisagem urbana: “Para mim, as fotografias de paisagens (urbanas ou campestres) devem ser *habitáveis*, e não *visitáveis*” (BARTHES, 1984: 63). “Isso porque pretendemos examinar imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*... Visam determinar o valor humano dos espaços de posse,..., dos espaços amados.” (BACHELARD, 1993: 19). Nesses trechos Barthes e Bachelard dialogam em perfeita sintonia quando falam dos espaços vivenciados, os espaços vividos.

Ao estudar esses elementos pude perceber que alguns são inéditos, porém a maioria se repete. Neste capítulo serão desenvolvidos alguns conceitos desses elementos visuais que acabam se tornando comuns nas minhas composições fotográficas.

“Nunca olhamos para uma só coisa de cada vez; estamos sempre a ver a relação entre coisas e nós próprios. A nossa visão está em constante actividade (*sic*), sempre em movimento, sempre captando coisas num círculo à sua volta, constituindo aquilo que nos é presente, tal como somos.” (BERGER, 1972: 13)

2.1. Os Elementos visuais

Aqui serão especificados, de forma objetiva, os principais elementos visuais aos quais me refiro, aqueles que me chamam atenção no caos da cidade, na paisagem urbana e que aparecem com certa frequência nas minhas fotografias.

“Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Por poucos que sejam, são matéria-prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre.” (DONDIS, 1997: 51)

Partindo da concepção de Dondis, em meu trabalho os elementos visuais compõem a paisagem urbana e são múltiplos: são cores (muitas cores), tintas, *sprays*, inúmeros tipos de superfícies e texturas, uma diversidade de fachadas e edificações, ruínas, postes e fiações elétricas, canos e cabos, calhas, relógios e registros, bueiros, grades, portões, portas e janelas, escadas, lixeiras, lixo, entulho, orlhões, escorridos, manchas, descascados, lodo, ferrugem, placas, panfletos, cartazes, avisos, grafismos, rabiscos, escritos (datas, dados, nomes), pichações, rachaduras, infiltrações, materiais de construção, pedras, cascalhos, líquidos, excrementos, sombras, pessoas, animais, plantas vivas e mortas (folhas e galhos secos), carros, motos. Uma relação intensa com a paisagem urbana, onde tudo é visual e vivencial, experimentação fotográfica e composicional:

“Começamos a nos dar conta de como é agradável a sensação do espaço. Ocupamos as ruas como quem ocupa uma casa de show ou um bar. Ou mesmo uma casa de amigos. Saímos do modo automático, e entramos no modo ativo. Atento a tudo que nos circunda.” (TSUDA. Espaço público da arte. [online] Disponível na Internet via URL: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>> 02 jun. 2010.)

A seguir, desenvolvo os elementos visuais mais importantes e freqüentes em meu trabalho.

- **Grafite**

Grafite vem conceitualmente do italiano *graffiti* e significa “Palavra, frase ou desenho, geralmente de caráter jocosos, informativo, contestatário ou obsceno, em muro ou parede de local público.” (FERREIRA, 1999: 1002). Diferente da pichação, o grafite é hoje considerado uma forma de manifestação da Arte, assim como o desenho, a pintura, a gravura, a fotografia.

A Arte, a Fotografia, a sensibilidade e a percepção sobre a paisagem urbana e sobre o que nos cerca; todo esse conjunto, atrelado às cores vibrantes, às texturas e às mensagens político-sociais e culturais trazidas pelo grafite foi o ponto de partida para minhas pesquisas sensorio-visuais no campo da urbe. “Ocupar a rua com cultura é dar vida ao espaço-trajeto, é fazê-lo existir, ser percebido, é dar

consciência social e estética para os cidadãos.” (TSUDA, 2010: Disponível na Internet via URL: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>> 02 jun. 2010.)

A partir dos grafites comecei a pensar e analisar o espaço vivido, gerando uma crítica e um posicionamento sobre a cidade, sobre a organização das coisas e como elas funcionam. Dudu Tsuda, colunista do portal eletrônico *Yahoo!* escreve sobre o grafite e outras questões que envolvem a cidade:

“Nos remete (*sic*) ao sensível, ao fantástico, ao lúdico, ao universo criativo e imaginativo da parte infantil que nos habita. É uma manifestação artística legítima e popular, uma emanção de calor humano, de vontade de vida social no espaço público, “panfletada” da forma mais poética possível. Sem armas, sem verbo, sem demagogia.” (TSUDA. Espaço público da arte. [online] Disponível na Internet via URL: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>> 02 jun. 2010.)

O grafite tornou meu olhar mais atento à cidade e à sua dinâmica, para mim tão visual. Ao fotografar muros e fachadas grafitados comecei a perceber o ambiente em que essas pinturas estavam inseridas, o que estava ao redor, fossem pessoas, carros ou entulhos e pichações. Tudo tão pictórico e estético, formando uma série de composições através do meu olhar.

- **Pichação**

A pichação, ao contrário do grafite, tem o caráter de vandalismo, de depredar o patrimônio público, trata-se de um “Dístico, em geral de caráter político, escrito em muro de via pública” (FERREIRA, 1999: 1562). O verbo pichar é conceituado por Ferreira como “Escrever (dizeres políticos, mensagens cifradas de gangues, etc.) em muros ou paredes.” (FERREIRA, 1999: 1562).

A pichação é também um elemento gráfico comumente encontrado em fachadas, placas, muros, postes, por toda a cidade. E se mistura com os outros elementos, gerando um efeito estético. É possível encontrar uma pichação em um meio completamente sujo e descuidado, como posso encontrá-lo ao lado de um grafite ou uma pintura bem elaborada, um painel publicitário ou uma fachada de uma loja reconhecida.

Importante ressaltar que não é o valor social, facilmente associado à transgressão e ao vandalismo, mas o valor estético que atrai o meu olhar, que me punge no sentido de refletir e analisar as relações e conseqüentemente as composições que se formam no meu olhar fotográfico.

- **As manchas e os escorridos**

Outros elementos bastante recorrentes nesses “painéis” de grafite são os escorridos e as manchas. Antes não era algo intencional “... toda uma causalidade explica a presença do ‘detalhe’...” (BARTHES, 1984: 68), que não se podia controlar, devido à própria natureza da tinta em *spray*, pela força e pela quantidade que se desejava, o escorrido acontecia inevitavelmente ao produzir a pintura. Hoje esse “efeito” de escorrido é buscado por muitos artistas, recurso que tem suas origens no *design* e nos grafismos, e que passou a ser muito utilizado nos grafites de rua.

- **A arquitetura e as fachadas**

A arquitetura é parte integrante do trabalho aqui descrito, pois, além de servir de suporte para os grafites, é a moldura de tudo o que vemos na paisagem urbana, mesmo do céu (como no trabalho de Silvio Zamboni, posteriormente apresentado). As fachadas modernas contrastando com o desgaste natural de prédios antigos, construções abandonadas, estruturas enferrujadas, demolições. Em muitos desses cenários é comum encontrar grafites elaborados e coloridos, cheios de detalhes pictóricos e com técnicas apuradas. O que demonstra a atenção desses artistas ao meio no qual vivemos.

E sendo Brasília uma capital relativamente nova, quando conheci outras cidades mais antigas, meu olhar era sempre surpreendido pela arquitetura, já tão desgastada pelo tempo, mas tão interessante ao meu olhar. Cidades cheias de contrastes.

- **As placas de sinalização**

As placas são elementos muito recorrentes e de forte significado. Representam localização, regras, direções e informações. Além do valor organizacional, têm grande valor estético, pelas cores, pelos grafismos, pelas padronagens. Coloridas, quebradas, enferrujadas, amassadas, escritas, sobrepostas, viradas. Cada ocasião traz uma riqueza para a composição. As placas são, muitas vezes, suporte para manifestações artísticas, como o grafite, *stencil*, desenhos e pinturas, quase como uma tela, um trabalho de *assemblage* e inclusive, quase que inevitavelmente, as pichações.

- **O desgaste e o inacabado**

Muros craquelados, sujos, trincados, rachados, degradados pelo tempo ou pelo ser humano. Elementos que fazem parte do cenário e que compõem as imagens que produz. São elementos intrínsecos ao meio, são a própria paisagem urbana, de modo que não há interferência, apenas o olhar atento, a sensibilidade visual, a análise, o enquadramento.

- **Os entulhos e lixos**

Assim como o desgaste, entulhos e lixos, restos de produtos e objetos velhos descartados pelo sujeito também compõem não só a estética urbana, mas também um pensamento acerca da forma de produção e descarte de produtos industrializados, uma questão que pertence a todos, sobre o meio ambiente.

Olhar mais atentamente o meio no qual nos inserimos é pensar essas questões que são intrínsecas ao homem e aos espaços. O lixo tratado de maneira inconsciente, depositado em lugar indevido, jogado nos cantos, no meio da rua, é parte da paisagem urbana, do caminho percorrido diariamente, dos trajetos que fazemos de casa ao trabalho, do trabalho ao lazer. E eles dialogam com grafites coloridos, com placas de trânsito, prédios modernos, com carros e pedestres e inclusive com os nossos cinco sentidos.

“... a imensa desordem dos objetos – de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?”

Roland Barthes

3. O OLHAR FOTOGRÁFICO

“Vejo fotos por toda parte, como todo mundo hoje em dia, elas vêm do mundo para mim, sem que eu peça; não passam de “imagens”... Todavia, entre as que foram avaliadas, apreciadas... eu constatava que algumas provocavam em mim pequenos júbilos, como se estas remetessem a um centro silenciado, um bem erótico ou dilacerante...” (BARTHES, 1984: 31-32)

Sobre esse interesse a respeito de certas imagens, de certos elementos, e em fotografá-los: é algo sensitivo, seletivo e natural, intrínseco ao ser, assim como são as emoções. O que traz interesse a uma pessoa pode ser insignificante à outra. É o “estalo” ao qual Barthes se refere em seu livro “A Câmara Clara”, ele desenvolverá este conceito como sendo o *punctum*. E também o define, o *punctum*, como *aventura*: “Tal foto me *advém*, tal outra não.” (BARTHES, 1984: 36). E como toda aventura, diz Barthes, ela é capaz de animar, sendo a *animação* uma outra forma de nomear essa atração por tal foto.

O olhar fotográfico é então, para mim, uma forma inerente de análise do meio, da cidade, por onde circulo e onde habito. Uma maneira pessoal de sentir a cidade, as pessoas, os comportamentos, as intervenções. O mundo causa em mim uma inquietação mental que tento resolver através das lentes da câmera fotográfica. É uma intensa relação entre o interior e o exterior: “O exterior não será uma intimidade antiga perdida na sombra da memória?” (BACHELARD, 1993: 230).

3.1. O Recorte do olhar

As minhas fotografias são um recorte da paisagem urbana, vinculando o ato expressivo do grafite (elemento comum nas composições) com elementos contextuais que podem ser agregados àquela imagem. São partes de um todo, como se formassem um cenário, o lixo que está encostado, um pneu velho, cartazes rasgados, plásticos e cinzas derivadas de queima. Além das construções, os concretos, alguns que contrastam com toda essa “poluição visual”, por serem construções novas, e outros mais velhos e desgastados. Nos dois casos, porém, parecem dialogar muito bem com todos os elementos.

Berger fala sobre essa grande quantidade de elementos visuais, imagens e informações na qual estamos inseridos e que é inevitável olhar, ver e sentir tudo isso. Porém há um recorte, uma seleção natural do olhar: “Sempre que olhamos uma fotografia tomamos consciência, mesmo que vagamente, de que o fotógrafo seleccionou (*sic*) aquela vista de entre uma infinidade de outras vistas possíveis...” (BERGER, 1972: 14)

3.2. O *Punctum* de Barthes

O estudo e a investigação da Fotografia, derivadas do dilema e do desconforto são para Barthes assim: “... em vez de seguir o caminho de uma ontologia formal (de uma Lógica)... eu queria aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho, penso.” (BARTHES, 1984: 39). Esse é o início do processo de descoberta do *punctum*. Todo o interesse e a atração pela Fotografia não podem apenas alcançar o campo da Lógica, é muito mais profundo e sensível, lúdico e emocional. Está ligado àquilo que se percebe e que não se consegue (nem se deve) ignorar. Reflete-se, fere, sente-se. É o que mexe, incomoda, provoca a desordem dos pensamentos e dos sentimentos, fazendo-nos refletir. É como a Arte: capaz de inquietar e fazer pensar.

Barthes desenvolve dois conceitos: *studium* e *punctum*. *Studium* é a palavra, em latim, que pode exprimir essa espécie de interesse humano e vem significar “... a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular.” (BARTHES, 1984: 45). É o campo da familiaridade, que remete à informação clássica através da qual podem-se gerar milhares de fotos (aquelas que tem por toda parte, que vem do mundo para nós, sem que peçamos), e que pode nos despertar um interesse geral.

Punctum é o elemento que vem contrariar o *studium*. De forma que não se procura o *punctum*, “... é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar.” (BARTHES, 1984: 46). É a ferida, a picada, que segue a ideia de pontuação. “*Punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte...” (BARTHES, 1984: 46). É o detalhe que atrai ou fere, que punge.

“O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere).” (BARTHES, 1984: 46).

O *studium* nas minhas fotografias está ligado ao flunar pela cidade, à observação durante a passagem, observação sempre mais atenta. O *punctum* é a percepção dos detalhes, de pequenas atitudes, das coisas mais simples que me pungem e me ferem no caos da cidade, das imagens, do cotidiano. O *punctum* é de fato uma identificação com minha forma de sentir a cidade, pois é sentimento, é lúdico, ao contrário da racionalidade do *studium*. “...o *punctum* é um ‘detalhe’, ou seja, um objeto parcial. Assim, dar exemplos de *punctum* é, de certo modo, *entregar-me*.” (BARTHES, 1984: 69)

“Toda fotografia é um certificado de presença.”

Roland Barthes

4. REFERENCIAIS ICONOGRÁFICOS

Em todo o processo de produção, criação e desenvolvimento do meu trabalho fotográfico a influência iconográfica é constante, do *boom* de imagens que cercam a todos nós. Além desse “caos imagético” da cidade, grandes artistas, pintores, grafiteiros, pensadores, filósofos me inspiraram e me inspiram não somente no processo criativo, mas no processo reflexivo também. São artistas que tem um olhar atencioso à cidade e à arte de rua.

Destaco então dois grandes artistas que me inspiram: Alexandre Órion com suas composições fotográficas estrategicamente pensadas para o meio urbano e Silvio Zamboni com seu olhar de estrangeiro aguçado sobre a arquitetura e sobre patrimônios imateriais.

4.1. Alexandre Órion

O trabalho de Alexandre Órion é pura imersão na cidade, intervenção e interação, exercício do olhar e de paciência, a fim de captar o momento ideal em que o sujeito se torne elemento visual e personagem em suas composições.

Como se o grafite, a pintura e o estêncil fossem o cenário para futuras e variadas interpretações, quando o movimento da cidade, seja ele de pessoas, carros ou animais, complementa a composição paciente do artista.

As pessoas aparecem como personagens secundárias em minhas fotografias, porque, quando “casam” na composição, isso acontece graças ao acaso. Ao contrário de Alexandre Órion, que pensa o seu grafite como cenário para que as pessoas transformem-no em cena a ser fotografada no momento certo e pontual.



IMAGEM 01

Foto de Alexandre Órion
"METABIÓTICA 10", 2003.

FONTE: Disponível em < <http://www.alexandreorion.com/meta/> Acesso em: 15 jun. 2011



IMAGEM 02

Foto de Alexandre Órion
"METABIÓTICA 16", 2004.

FONTE: Disponível em < <http://www.alexandreorion.com/meta/> Acesso em: 15 jun. 2011



IMAGEM 03

Foto de Alexandre Órion
"METABIÓTICA 14", 2004.

FONTE: Disponível em < <http://www.alexandreorion.com/meta/> > Acesso em: 15 jun. 2011

Alexandre Órion nasceu em São Paulo e tem formação em *Design* e Artes Plásticas. Trabalha com grafite desde 1995 e com fotografia desde 2001. *Metabiótica*: "Definição: META – prefixo grego que significa objetivo, alvo, limite, após ou transposição. BI – prefixo latino, representa duplicação ou repetição. ÓTICA – parte da física que estuda os fenômenos da luz e da visão. (*sic*)" (ÓRION, 2002a: Disponível na Internet via URL: <<http://www.alexandreorion.com/meta/>> 15 jun. 2011.) é o nome do ensaio fotográfico que reúne as duas linguagens artísticas com as quais trabalha Órion: pintura e fotografia. É um neologismo que traz os conceitos de metabiose: "s.f. Simbiose intermediária; condição na qual um organismo só vive depois que outro preparou o ambiente favorável e morreu. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – MEC – 1976. (*sic*)" (ÓRION, 2002b) e ótica relacionados ao

próprio diálogo entre as linguagens abordadas. Alexandre Órion explica muito de seu trabalho quando diz que “O objeto fotográfico é o ambiente no qual não se distingue o limite entre o elo e o duelo das linguagens.”

4.2. Silvio Zamboni

As fotografias de Silvio Zamboni são registros artísticos do patrimônio público, da arquitetura, das cidades por onde ele tem o privilégio de passear, conhecer e fotografar. Ele explora diferentes ângulos, como na série “Quem tem medo de olhar para cima”, além de fazer belo uso de sombra e luz, texturas e cores, criando ritmos visuais, formas geométricas e orgânicas, como na série “A Fotografia Neoconcreta”.

Nesse sentido as fotografias de Zamboni me influenciaram e me inspiram. O interesse e a atração pelo antigo e desgastado já existentes em mim foram se conscientizando na medida em que eu conhecia o trabalho de Silvio, que nos convida a olhar com atenção os elementos arquitetônicos, as estruturas e fachadas antigas, os prédios e construções patrimoniais, públicas, algumas bem conservadas e outras nem tanto, mas todas com charme e valor estético inestimáveis.

O antigo, as pinturas surradas pelo tempo e as texturas são elementos comuns nas fotografias de Zamboni, que também estão presentes nas minhas composições fotográficas sobre a cidade. Portas, janelas, placas, uma lixeira e até um lixo que se encontra em um canto tornam-se componentes estéticos para o enquadramento.



IMAGEM 04

Foto de Silvio Zamboni

Da série "Aveiro, A Veneza Portuguesa", sem data.

FONTE: Disponível em <http://www.silviozamboni.com/galeria_exposicao> Acesso em: 15 jun. 2011



IMAGEM 05

Foto de Silvio Zamboni

"Vagli Sotto", da série "Toscana", 2008.

FONTE: Disponível em <http://www.silviozamboni.com/galeria_exposicao> Acesso em: 15 jun. 2011

Silvio Zamboni é nascido em São Paulo e mora em Brasília há mais de trinta anos. Professor aposentado da Universidade de Brasília trabalha em projetos de registro de patrimônio cultural por vários países, muito do seu trabalho é pesquisar, viajar e fotografar.

“A Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa.”

Roland Barthes

5. METODOLOGIA

Antes de desenvolver as palavras-chave deste trabalho e de fato transformar pensamentos, sentimentos e sensorialidades tão intrínsecas em um texto acadêmico, me foi necessária outra espécie de reflexão: sobre o próprio processo, sobre os questionamentos que me levaram a pesquisar acerca de determinado assunto. Além da necessidade acadêmica de me aprofundar em algum tema, vejo também esse estudo como uma forma de entender e explicar um prazer tão sensitivo em fotografar. E mais, o prazer em flunar pela cidade, em observar tantos elementos e detalhes que passam despercebidos pela maioria das pessoas.

E por que tal tentativa de explicar atitudes e pensamentos tão naturais torna-se algo complexo e de certa forma até angustiante? E a inspiração para transformar algo tão sentimental em algo tão racional, traduzir em palavras? Em explicar o que simplesmente se sente? Uma angústia e certa aflição fazem parte desse processo. Barthes disse que “... essa desordem e esse dilema, evidenciados pela vontade de escrever sobre a Fotografia, refletiam uma espécie de desconforto...” (BARTHES, 1984: 18). O desconforto que causa estranhamento, a investigação do olhar.

O processo é essencialmente sensitivo. Estar sempre com a câmera, o olhar atento a tudo aquilo que me punge e me provoca reflexões, me fazendo pensar as composições. Flunar pela cidade, sempre munida de câmera fotográfica. Se estou de carro devo, por muitas vezes, ter retornado ou estacionado em lugares indevidos para descer e fotografar o meu fragmento de estética urbana. Se estiver de ônibus anoto tudo, o endereço e os pensamentos que me cercavam naquele momento, para posteriormente voltar e registrar. Sempre com um caderno e um lápis, para anotar as reflexões e os questionamentos. O processo se faz nessa análise constante, das observações acerca do que nos rodeia.

A composição se dá no ato de fotografar e na edição (as dimensões da foto, os tamanhos e cortes, as cores, as texturas: os elementos visuais). Através da análise mais cuidadosa, detalhada e atenta ao rever, selecionar e editar as fotos; e no trabalho da imagem depois de capturada surgem novas idéias, novas interpretações, novas possibilidades. Não há outra intervenção na situação exposta senão a digital, posteriormente. A composição é a vivência diária, o cotidiano das

pessoas, o tempo, as marcas deixadas, o contexto urbano, tudo que envolve o viver na cidade.

Como integrante também desse processo (de produção fotográfica e de pesquisa teórica para esta monografia) eu poderia incluir a música. Julgo interessante, então, adicionar ao final uma lista com o que foi ouvido durante essa longa etapa de pesquisa e produção.

5.1. Análise das minhas fotografias

Aqui é o espaço para a análise subjetiva, pessoal e por vezes poética de algumas fotografias. São imagens de lugares variados, culturas diversificadas, que trazem uma gama de elementos visuais, além de muita reflexão e sentimento.

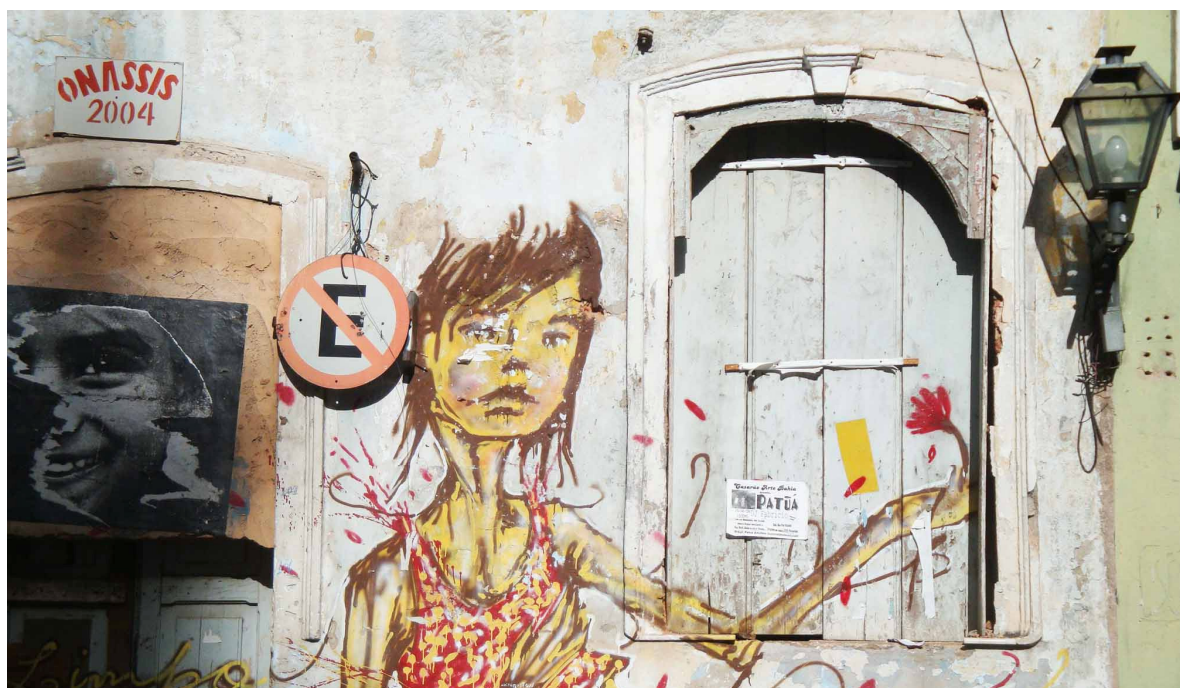


IMAGEM 06
Foto da autora
"Patuá", 2009.
Local: Salvador, BA

As cores vivas e as já desbotadas, as cores do grafite, da tinta desgastada e por vezes mal pintada no muro, na janela, na moldura, na fachada. Os traços, as letras, a grafia, as interferências. Os relevos, as texturas, os volumes, provocados por jogo de sombra e luz ou mesmo pelos desníveis estruturais. Os olhares, tão diversos, o sentimento ao ver a janela coberta com barro, no reboco. O sol iluminando a face e escondendo outras, por hora rasgadas, e ainda assim iluminadas. O brilho no olhar rasgado, em preto e branco, é o *punctum* dessa imagem. Onassis há sete anos, limpo, no casarão arte Bahia, o patuá e seus oito furos. Não é permitido ao observador estacionar.



IMAGEM 07

Foto da autora

“Amarelo, azul e preto”, 2009.

Local: Goiânia, GO

O fim de tarde nos presenteia com o brilho das cores, tão intensas, tão presentes. A pintura dialoga com o céu, completando as nuvens que ali “faltam”. O brilho ressalta as texturas, a superfície rugosa deste muro tão amarelo. Uma dose de pichação tornam pictóricos os traços pretos e uma possível leitura vertical é feita a partir das folhas secas no canto direito inferior, seguindo pelo poste de energia amarelo e a caixa de força vazia e enferrujada; continuando pelo poste, agora branco e listrado pelo quase preto da sombra projetada pelos fios elétricos. E finaliza com mais um pouco de natureza já meio seca e não menos bonita. O *punctum* é um canto de muro vazado.



IMAGEM 08
Foto da autora
Sem título, 2010.
Local: Porto de Galinhas, PE

Na entrada da cidade, cinco pares de tênis pendurados nos fios de alta-tensão me chamam a atenção. Pista de *skate*, tênis, grafites (e pichações): juntos no mesmo espaço me remetem a uma tarde de diversão entre amigos, meninos nativos dessa cidade linda que é Porto de Galinhas. *Entre o skate e o surf*, possivelmente. Mas o que me punge é a antena parabólica, com um objeto esférico e vermelho em sua extremidade, que me remete também a vários momentos felizes vividos neste Estado. Céu, coqueiros, uma peixaria, outras antenas, concreto. Movimento de quem deixa tristemente o litoral pernambucano para em breve retornar ao centro-oeste do país.



IMAGEM 09
Foto da autora
“Proibido jogar lixo ou entulho”, 2009.
Local: Salvador, BA

Observar a cidade para mim é também um encantamento com a quantidade inimaginável de elementos de todos os tipos que podem conter nas “paisagens”. O espaço proibido para lixos e entulhos é o mesmo que recebeu um dia um grafite novo e colorido e que há dois anos recebia o estofado velho, o lixo da comunidade, cartazes de divulgação de festas, placa informativa do sistema de limpeza da Prefeitura de Salvador e ainda um pneu-propaganda de alguma borracharia FJS ali perto. Sujeira, lixo, lodo, abandono. Tudo junto no espaço que pertence a todos, mas que ao mesmo tempo não é de ninguém. O que me punge nesta imagem é a mão esquerda da moça grafitada no muro, próximo aos seus olhos, tapados pelo cartaz.



IMAGEM 10
Foto da autora
Sem título, 2009.
Local: Salvador, BA

As janelas abertas e as portas tapadas com tijolos e cimentos. Dos vidros, só os pedaços, da fachada somente alguns resquícios de tinta que um dia devem ter configurado uma pintura. A imaginação vai além ao pensar o espaço interior dessa construção abandonada, tomada por árvores, galhos entrelaçados e fios elétricos. O grafite colorido contrasta com o muro, as plantas, as cores do desgaste. Natureza e arte se misturam: pura relação entre homem, espaço e tempo. O *punctum* aqui são as folhas tomando as janelas no canto superior esquerdo.



IMAGEM 11
Foto da autora
Sem título, 2011.
Local: Florianópolis, SC

O *punctum* dessa imagem é a placa que mostra uma possível vontade de venda do imóvel: “TALVEZ EU VENDA”. Outros elementos complementam a composição feita com câmera analógica e lente “olho de peixe”. O grafismo do grafite, as cores, escritos em outra língua, as folhas secas caídas no chão.



IMAGEM 12
Foto da autora
Sem título, 2011.
Local: Florença, Itália

A moça consulta seu mapa em frente a uma vitrine e concentrada na leitura não percebe o meu clique, o que me atrai ainda mais na composição. Atrás dela o estêncil com olhos tristes e penetrantes e nariz de palhaço toca guitarra e pisa em seu ombro. Para olhos mais curiosos e atentos é possível ver o pé esquerdo do músico-palhaço refletido no vidro. Outros dois personagens, o policial e o civil, correm em direção à mocinha. O terceiro, azul, mostra só o rosto, olhando para cima. A placa redonda me leva a pensar que algo ali é proibido. Telefones públicos e muro pichado. Tudo parece existir pela presença da moça. O *punctum*, para mim, é o tênis bege dela.



IMAGEM 13
Foto da autora
Sem título, 2010.
Local: Florianópolis, SC

Um painel grafitado com técnicas apuradas em desenho e pintura, profundidade e volume, texturas e uma cartela rica em cores quase torna invisível um ser humano que por ali passa, não fosse seu diálogo inconsciente com esta pintura. A moça caminha em direção ao cesto de lixo como se ali fosse depositar a sacola plástica. Pequena diante do grafite, grande em sua possível atitude simples e sustentável. A sacola é o que me punge na imagem.



IMAGEM 14
Foto da autora
“pé no chão”, 2010.
Local: Recife, PE

Gosto de olhar de outro ângulo, do chão, rente ao muro, do alto. Captando texturas, detalhes e criando volumes e dimensões. O chão nesta fotografia não era exatamente onde se pisava, mas um desnível localizado próximo à linha do olhar, local que comporta ao mesmo tempo, no mesmo nível pés e cabeças que por ali passam. Andar, observar, olhar, imaginar. Pés, olhos, cabeça, chão. Uma relação íntima entre razão e sentimento, auto-identificação. O *punctum* nesta imagem é a tinta escorrida em tom mais claro, ao lado dos pés.



IMAGEM 15
Foto da autora
"com amor", 2010.
Local: Recife, PE

Fã dos Gêmeos que sou soube que havia um grafite deles em uma rua em Recife e fui à procura. Dentre tantas fotos essa é uma das preferidas: a faixa de sombra no alto dialogando com a escuridão da janela, as duas pinturas, no meio a dedicatória, o desenho da letra, uma letra bonita. A caveirinha branca, a sombra da árvore no chão de areia, pouca grama e algumas folhas secas. O *punctum* nessa imagem é um pedacinho de sombra de folhas que reflete na faixa branca, logo abaixo da assinatura dos artistas.

- **O processo de aproximação e exercício do olhar**

Em muitos momentos o olhar vai além das composições mais abertas, provocando uma vontade de aproximação, de perceber melhor os detalhes, um exercício de pungir, como uma análise do *punctum*. A partir dessa aproximação surgem novos elementos, que modificam o modo de ver e fotografar.

Ao observar o espaço com a atenção e a investigação de quem é apaixonada pelas intervenções humanas e pelas expressões artísticas, tudo me parece muito interessante e irresistível às lentes de uma câmera fotográfica.



IMAGEM 16
Foto da autora
Sem título, 2011.
Local: Florianópolis, SC

Caminhando pela praia encontrei uma baleia deslocada, ela não estava no mar, mas vigiando um barraco charmoso na areia. Quando me aproximei pude perceber detalhes que me atraíram ainda mais: maçanetas enferrujadas perpendiculares à disposição das tábuas, paralelas aos escorridos da pintura.

As cores, ainda que desbotadas, eram vivas. A experiência do momento, das reflexões, das sensações; tudo isso é parte do meu processo de criação fotográfica.



IMAGEM 17
Foto da autora
Sem título, 2011.
Local: Florianópolis, SC

Outro exemplo de como o olhar passeia e se exercita, como o corpo se distancia, se aproxima, um constante exercício de perceber o espaço, de notá-lo e analisá-lo. Na primeira imagem é interessante a sombra projetada pela copa da árvore, seu caule grosso e suas raízes grandes, quebrando o meio-fio, dialogando com a imagem de um possível vulcão. Concreto, natureza e pintura.

No outro enquadramento ressaltam-se os detalhes, os números, as texturas, as cores, as formas. O olhar de aproximação, que percebe os detalhes, é o *punctum*, o que me estimula, me incita. Já o primeiro contato visual, da composição aberta, é a parte racional, o *studium*. "... o *punctum*... trata-se de um suplemento: é o que acrescento à foto e *que todavia já está nela*." (BARTHES, 1984: 85)

- A série escolhida para a Exposição de Diplomação

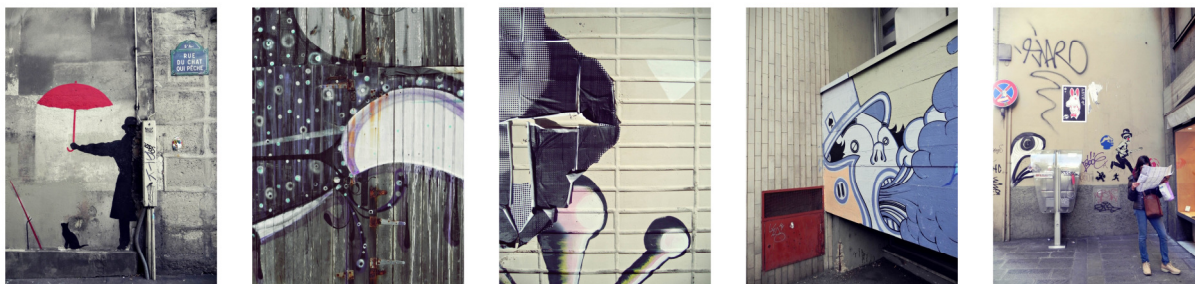


IMAGEM 18

Fotos da autora

Sem título, 2010/2011.

Locais (da esquerda para a direita): Paris, Florianópolis, Brasília e Florença.

A série “Sem Título” foi editada com a ajuda da professora orientadora Angela Prada. São cinco fotografias que dialogam entre si, em seus elementos visuais, em suas linguagens, entre suas formas e composições, no enquadramento, nas proporções e nos matizes. Cada uma tem sua particularidade, mas em conjunto conseguem ter um diálogo entre si.

As três do meio têm formas parecidas, enquanto as duas da ponta têm a presença do ser humano, num posicionamento semelhante. O rapaz de chapéu que segura o guarda-chuva para o gato, fragmento de uma baleia grafitada em uma superfície de madeira (uma casa, na beira da praia) com maçanetas enferrujadas, que abrem para a imagem impressa colada e rasgada sobre uma pintura de um grafite, que aponta para a próxima foto, o vermelho, a textura dos tijolinhos, a pintura que vomita informação na última fotografia. Sobre o muro: grafite, pichação, colagens, *stencil*, placa, canos, telefones públicos, o movimento dos desenhos, um caos de informação imagética: a moça absorve tudo tranqüilamente em seu mapa.

CONCLUSÃO

O espaço sempre foi para mim um espaço de reflexão, por onde meu olhar circula atento às ações e às interações. As cores vibrantes dos grafites foram uma forma inicial de expressar meu interesse pela temática cidade. O exercício prazeroso de percepção da cidade foi-se então, por meio de pesquisas acadêmicas e de conhecimentos culturais diversificados (viagens, referências visuais), se desenvolvendo e amadurecendo. O olhar, ao mesmo tempo que se ampliava (*studium*), também selecionava, editava, dando atenção aos detalhes (*punctum*). As composições enriqueceram esteticamente na medida em que o exercício de ver ia se tornando freqüente.

Foram tantas conclusões, envolvidas em tantos sentimentos (eu não poderia deixar de citá-los, é algo muito forte, de grande influência no meu processo criativo). Houve muito aprendizado, sobre o processo de pesquisa, bibliotecas, leituras e fichamentos, críticas, sobre crescimento pessoal e profissional, responsabilidades, disciplina, e sobre tentar e não desistir.

É delicioso descobrir artistas que inspiram e autores que escrevem exatamente o que se pensa. São influências artísticas, através de nomes famosos que escreveram grandes verdades para mim sobre a fotografia, sobre o espaço, sobre elementos visuais, são conceitos que vem ajudar em nossas questões acerca das coisas.

Conheci-me melhor ao conhecer mais sobre o meu trabalho. Mas ainda assim, parte do que faço na rua, do que penso sozinha e do que sinto é sentimento. E assim diz Barthes que "... a vida é, assim, feita a golpes de pequenas solidões..." (BARTHES, 1984: 11), sobre esses momentos onde nos encontramos sós em nossas reflexões e interpretações, quase que incompreendidos. Aquilo que só nós conseguimos enxergar, sentir, entender. E esse sentimento, em sua totalidade, é difícil de se traduzir em palavras, mais fácil de fato é fotografá-los e deixar que o observador, em sua sensibilidade, ou na falta dela, interprete a imagem da forma mais subjetiva possível, do ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185 p.

BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1982. 167 p.

DONDIS, Donis A.; CAMARGO, Jefferson Luiz (Trad.). **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 236 p.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001. 362 p.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. 170 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Inside the mind. Blog disponível em:

<<http://playermind.blogspot.com/2011/04/biografia-keith-haring-keith-haring-4.html>>

Acesso em: 15 jun. 2011.

ÓRION, Alexandre. *Metabiótica*. Disponível em:

<<http://www.alexandreorion.com/meta/>> Acesso em: 15 jun. 2011.

TSUDA, Duda. *Espaço público da arte*. Disponível em:

<<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>> Acesso em: 30 jul. 2010.

ZAMBONI, Silvio. Disponível em: <<http://www.silviozamboni.com/index.php>> Acesso em: 15 jun. 2011.

TRILHA SONORA

Dispatch – Silent Steeples, 1996

Elliott Smith - Figure 8, 2008

Hammock – Kenotic, 2005

Helios – Eingya, 2006

In Natura – Um Artista Brasileiro, 2008

João Donato – The New Sound of Brazil, 2001

João Donato e Bud Shank – Uma tarde com Bud Shank e João Donato, 2004

Paula Fuga – Lilikoi, 2006

Vitor Araújo – TOC Ao Vivo no Teatro de Santa Isabel, 2008